XXVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALAS

6 a 11 de setembro de 2011, UFPE, Recife-PE

Grupo de Trabalho 03 - Produção, consumos culturais e meios de comunicação.

A visibilidade das revistas *Veja*, *Época* e *Istoé*: o caso da legalização do Santo Daime.

Ana Paula Evangelista de Almeida

Glauber Loures de Assis

Resumo: Este trabalho pretende analisar a cobertura da mídia impressa brasileira em relação às religiões ayahuasqueiras em geral e ao Santo Daime em particular. Para tanto, foram analisadas, a partir de janeiro de 2010, as reportagens de capa das revistas *Istoé*, *Veja* e *Época* relacionadas à ayahuasca, bebida psicoativa utilizada nos rituais de algumas religiões brasileiras, como a União do Vegetal e o Daime. O trabalho efetua também uma análise de conteúdo dessas revistas com base em autores como Maxwell McCombs (2009) e Laurence Bardin (2007). Realizando uma análise semiótica das referidas revista, este trabalho descortina os discursos de verdade que as acompanham. Por trás da autoridade jornalística e de diversas estratégias argumentativas pretensamente científicas, a mídia impressa detém uma postura ideológica e retórica frente às religiões minoritárias e ao uso de psicoativos que, longe de simplesmente “informar” o leitor, reforça o estigma que esses grupos religiosos já têm, apresentando uma visão estereotipada e preconceituosa das chamadas religiões enteógenas, como o Santo Daime.

1. Introdução:

No dia vinte e cinco de janeiro de dois mil e dez, em resolução publicada no “Diário Oficial da União”, o governo brasileiro reconheceu como legítimo o uso religioso da ayahuasca. Essa medida despertou os noticiários e holofotes midiáticos que problematizaram sua legitimidade, questionando se o governo não estaria legalizando

um chá alucinógeno, cujo consumo levaria a riscos à saúde pública e estimularia o tráfico de drogas.

Menos de dois meses após este reconhecimento do uso religioso da ayahuasca pelo Estado, ocorreu uma das mais recentes e polêmicas discussões relacionadas ao Santo Daime, quando o cartunista da Folha de São Paulo, Glauco Vilas Boas, líder de uma igreja daimista em São Paulo, foi assassinado, junto com seu filho, Raoni, por Carlos Eduardo Sundfeld Nunes, que já havia participado de rituais na igreja de Glauco.

O assassinato do famoso cartunista teve grande repercussão em toda a mídia brasileira, ocupando espaço em programas de televisão do horário nobre e sendo capa das revistas semanais de maior circulação do país, como a *Veja*, a *Isto É* e a *Época*, e acendeu o debate em torno dos NMRs em geral, e do Santo Daime em particular, sobretudo questionando a sua legitimidade e condenando o uso da “droga alucinógena” ayahuasca, supostamente responsável pelos assassinatos de Glauco e Raoni¹. Este caso foi a deixa para que se reacendesse o debate em torno da legalidade do Santo Daime, e reforçou o estigma e o caráter desviante imputados ao grupo.

Deixemos para os psicólogos e médicos a discussão em torno das condições mentais e fisiológicas que levaram Carlos Eduardo, declarado inimputável pela Justiça Federal do Paraná em maio de 2011 por ser portador de esquizofrenia paranoide e incapaz de se responsabilizar por seus atos, a cometer o duplo homicídio. O que nos interessa aqui a problematização deste acontecimento nos meios de comunicação, em especial a mídia impressa.

As revistas de maior circulação no país, *Veja*, *Época* e *Istoé*, tiveram suas capas tomadas por esse assunto, com uma cobertura que questionava a legitimidade do uso da ayahuasca e outros psicoativos em rituais religiosos. A partir dessas discussões, o mote desse trabalho será analisar qualitativamente os enquadramentos das reportagens de capa relacionadas à ayahuasca das três revistas impressas de maior circulação no país, *Istoé*, *Veja* e *Época*, dialogando com conceitos de autores como Maxwell McCombs (2009) e Laurence Bardin (2007).

¹ É sobretudo por esse tipo de abordagem radicalmente negativista que os movimentos religiosos que utilizam substâncias psicoativas em seus rituais as designam como “enteógenos” (“o que leva o divino para dentro de si”) ao invés do termo “alucinógenos” (“aquilo que provoca alucinações”), carregado de conteúdo pejorativo, e evitam se referir a si mesmos como uma seita, termo que, embora não diga respeito necessariamente a algo negativo, podendo ser interpretado, segundo Guerriero (2006), inclusive simplesmente como “*uma cisão de uma grande religião*”(p.29), é encarado usualmente como algo suspeito, oculto, errado e mesmo diabólico.

2. Análise das reportagens de capas da revistas Istoé, Época e Veja

A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. Segundo Berelson (apud BARDIN, 2008: 37) a análise de conteúdo pode ser definida como “uma técnica que através de uma investigação objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade as interpretações dessas mesmas comunicações”. Ela permitirá que se realize uma análise de “significados” dos termos, palavras e frases contidas num discurso, mas também pode ser uma análise dos “significantes”.

De acordo com Mayra Rodrigues Gomes (2003), baseando-se nas premissas de Foucault, o jornalismo tem uma vontade de verdade, e é por uma carência que ele faz um discurso fundado na referencialidade: sempre testemunhando sua palavra, sempre apresentando provas, ou ao menos simulando apresentá-las. Essas características são manifestas nas revistas estudadas, e se tornará bastante visível nessa análise.

A seguir iremos iniciar a análise das reportagens de capas das revistas semanais, Veja, Isto é e Época, sobre o Santo Daime, uma religião endógena brasileira, a fim de descortinar os discurso da verdade e a imparcialidade atrelados a cobertura jornalística.

2.1 A revista Istoé - Ano 34, nº 2100, 10 de fevereiro de 2010: SANTO DAIME LIBERADO.

Na capa da revista há um pequeno texto em verde dizendo; “O governo autoriza o uso do chá alucinógeno em rituais religiosos, mesmo em casos de morte após o seu consumo. A medida abre um novo e perigoso precedente na discussão sobre a legalização das drogas”. Podemos notar que o texto da capa já apresenta a posição da revista quanto à legalização da ayahuasca, usando de adjetivações negativas para caracterizar o Santo Daime, que de acordo com a reportagem seria a causa de mortes.

Na parte superior do texto da reportagem principal, entre as páginas 68 e 74 da mesma edição, há uma imagem do engarrafamento da bebida, e ao lado um anúncio em vermelho dizendo: ALUCINÓGENO. A reportagem é intitulada de “A ENCRUZILHADA DO DAIME”, em que o fundo da primeira página está em tonalidades escuras, e a produção do chá é representada pela cor vermelha. Nos termos semióticos, notamos que a distribuição de cores e das imagens da primeira e segunda página da reportagem pode ser remetida a descrição da religião cristã de inferno. Nessa

primeira página a revista relata brevemente a história do surgimento e legalização da religião.

Na página seguinte, eles descrevem as supostas conseqüências negativas que o consumo da ayahuasca pode trazer, associando problemas fisiológicos do corpo humano com o consumo da bebida, citando exemplos de pessoas que morreram de ataques cardíacos após o uso da beberagem em rituais religioso.

Observamos que são dados aleatórios utilizados pela revista, e não dados estatísticos tirados de algum estudo sobre mortes após o consumo do chá. Nessa mesma página eles mencionam as religiões que utilizam bebidas psicoativas em seus rituais e colocam em voga “*a hipótese de que a liberação do daime poderia abrir o perigosíssimo precedente para a criação de religiões que incorporem drogas como a cocaína e a maconha em seus rituais..*” Istoé, Ano 34, nº 2100, 10 de fevereiro de 2010, página 70.

Para validar aos argumentos anteriores, a reportagem apoia-se na opinião de um delegado federal a fim de sustentar que os efeitos do daime são semelhantes ao de drogas proibidas no ordenamento jurídico, contudo, não há menção a nenhum estudo científico que comprove essa teoria: “*... diante do quadro de desorganização e alto risco, não espanta que o Cefluris e a União do Vegetal apoiem a normalização do governo e cobrem atitudes que garantam seu direito adquirido...*”

Ainda no decorrer da reportagem, podemos observar que o discurso da revista com relação à religião do Santo Daime é carregado de preconceitos. Trazem um exemplo daqui e de acolá para mostrar que aqueles que fazem parte dessa doutrina religiosa são ex-dependentes químicos ou pessoas depressivas;

“De fato, a promessa da resolução de males como a dependência química e a depressão é um dos maiores chamarizes das seitas. Apesar de a normatização governamental sugerir que o chá não seja usado em conjunto com outras drogas, muitos seguidores fazem isso. A substituição de um vício por outro é altamente condenada pela medicina porque, no fundo, não resolve o problema. Fica a pergunta: o daime é uma droga?” Istoé, Ano 34, nº 2100, 10 de fevereiro de 2010, página 72 a 73

Essa mesma página é ilustrada com um corpo masculino em que há uma descrição de como a composição química do chá age sobre o organismo humano. Essa descrição de assemelha muito com descrições feitas anteriormente em outras edições sobre como a cocaína e a maconha agiriam no corpo humano:

“Seu efeito é imediato. Ao ser ingerida (a ayahuasca), provoca uma grande alteração nos níveis da serotonina, por exemplo. Causa desde imensa sensação de bem-estar e euforia até náusea, vômito e alteração de pressão arterial e de consciência.” Istoé, Ano 34, nº 2100, 10 de fevereiro de 2010, página 72

Na página seguinte, a revista lembra que vários artistas tornaram-se adeptos da religião ou experimentaram o daime, mencionando Ney Matogrosso, Maitê Proença, Lucélia Santos e relatando a história *positiva* da ayahuasca na vida do ex-baterista do Engenheiros do Hawaí, Carlos Maltz, que passou pelo mundo da fama e das drogas e hoje é membro da União do Vegetal em Brasília. No final a revista conclui que:

“Para garantir que histórias como a de Maltz continuem a ser escritas, é preciso muito mais do que normatizar as regras para o uso da ayahuasca em rituais. Se a intenção do governo é legitimar o patrimônio religioso brasileiro, é preciso evitar mortes absurdas e garantir que algo sagrado para alguns não entre para o rol das substâncias que corroem nossa sociedade.” Istoé, Ano 34, nº 2100, 10 de fevereiro de 2010, página 74

2.2 Revista Época, nº 618, 22 de março de 2010: O daime provocou o crime?

A capa da revista possui um fundo branco e um cipó com folhas, representando os dois vegetais que dão origem ao daime (*Banisteriopsis Caapi* e *Psychotria Viridis*). Em verde, o título; “*O daime provocou o crime?*”, e um subtítulo dizendo; “*A morte do cartunista Glauco reacende o debate sobre o uso da droga indígena ayahuasca em rituais religiosos.*” Assim como na revista Istoé, já em sua capa a revista Época associa a religião do Santo Daime com o crime e o uso de drogas (associando-os como se fossem inseparáveis), e isso é enfatizado no decorrer da reportagem:

“O uso para fins religiosos da ayahuasca foi liberado e regulamentado pelo governo brasileiro em janeiro deste ano. O segredo da mistura é um potente entorpecente de ação rápida – a N-dimetiltriptamina, conhecida pela sigla DMT –, que a farmacologia policial classifica como uma droga psicoativa do tipo A, o mesmo da heroína e da cocaína. Esse pedaço alucinógeno da cultura indígena começou a sair da selva na década de 1920, quando o seringueiro maranhense Raimundo Irineu Serra, um descendente de escravos, entrou em contato com a ayahuasca na fronteira do Brasil com Peru e Bolívia”. Revista Época, nº 618, 22 de março de 2010. p. 96

No início da reportagem a revista enfatiza o assassinato do cartunista Glauco Villas Boas, descrevendo, segundo relatos do autor do crime, como ocorreram as mortes

de Glauco e Raoni. Em seguida, a revista traz os depoimentos do pai de Cadu, dizendo que seu filho era um adolescente com problemas “normais” até começar a frequentar a igreja daíemista; “*O chá que ele tomava na igreja foi o fator desencadeador do surto psicótico que meu filho sofreu*”. Entre a página 94 e 95, a revista aborda, resumidamente e à sua maneira, a história do Santo Daime, e descreve em um desenho como são as igrejas, afirmando que o ritual do Santo Daime “*envolve trabalhos que se aplicam sobre o corpo e a mente*”, de forma que aqueles que fazem parte desta doutrina religiosa teriam que aceitar os códigos de conduta impostos no interior do sistema.

Na parte inferior dessas páginas há uma frase em letras maiúsculas, dizendo; “*A família não internou Cadu mesmo depois de um surto, há três meses*”; essa frase é complementada por mais duas, de mesmo formato, nas páginas seguintes; a primeira afirma que “*O pai de Cadu diz que **pediu a Glauco** que não desse o chá a seu filho*”, e a segunda diz que “*A regulamentação **proíbe dar o chá** a quem tem distúrbios mentais*” (negrito da própria revista).

Durante a reportagem a revista afirma que os rituais do Santo Daime são acompanhados de uso de outras drogas, como a maconha, conhecida como “erva de Santa Maria”, e que grande parte das pessoas que procuram a igreja é de dependentes químicos à procura da cura, relativizando, entretanto, a importância do daime nos processos de cura física e espiritual dos fiéis:

“Os adeptos da religião costumam contar casos de pessoas que se recuperaram da dependência da cocaína. Mas é difícil dizer se a recuperação se deve ao uso do chá ou se é parte das mudanças de vida porque passa quem descobre qualquer fé”. Revista *Época*, nº 618, 22 de março de 2010. p. 99

Como ressalta Beatriz Labate (2010) a ênfase em indagar a relação entre “consumir a ayahuasca e matar”, presente nas reportagens tanto da revista *Istoé* quanto da revista *Época*, revela a tradicional postura antidrogas que marca o debate público sobre o tema. A autora lembra ainda que o texto é acompanhado de um box de Paulo Nogueira, “O daime, o vodu e o confucionismo”, que despreza e ridiculariza o Daime, chamando-o de “religião primitiva”, “produto de um delírio”, “crendice”, “transe depressivo”, “música rústica”, “palavreado que faz de Lula um Bilac”, caracterizando-se por um discurso etnocêntrico e preconceituoso contra as religiões de origem popular.

2.3 Veja, edição 2157, ano 43, nº 12, 24 de março de 2010.

A revista *Veja* publicou a seguinte nota sem assinatura quando legalizaram o uso do chá ayahuasca (edição 2150, de 3/2/2010):

"Liberado oficialmente pelo governo brasileiro o consumo do santo daime, o chá lisérgico que faz a cabeça do pessoal da nova era com a promessa de abrir a seus seguidores as portas do autoconhecimento. O daime causa alucinações pesadíssimas, provocadas pela dimetiltriptamina, substância presente no cipó da ayahuasca, planta que serve de base ao daime e é venerada por seus entusiastas. O governo diz que autorizou o pessoal a ficar viajando para respeitar a liberdade religiosa. Cabe a pergunta: se alguém criasse uma religião batizada, digamos, Santo Pirlimpimpim, baseada em aspirações mágicas da cocaína, o Planalto também oficializaria o consumo?"

Já na edição 2157, ano 43, nº 12, 24 de março de 2010, é possível visualizar pontos em comum com os discursos das revistas *Istoé* e *Época*. A reportagem de capa da revista *Veja* se intitula "*O psicótico e o daime*", e tem como subtítulo; "*Até que ponto se justifica a tolerância com uma droga alucinógena usada em rituais de uma seita?*". Na frase anterior observamos o uso de algumas adjetivações negativas e que caracterizam um discurso preconceituoso, de caráter julgador com relação à religião do Santo Daime; a própria escolha de determinadas expressões, por exemplo "droga alucinógena", em detrimento de "enteógeno" ou "psicoativo", e "seita", ao invés de "religião" ou "profissão de fé", denota a posição inquisidora que permeia toda a reportagem.

Notamos que na apresentação do texto há um enunciado em letras garrafais, negrito, com os dizeres "*Alucinação assassina*", e, no canto da revista, ao lado da imagem de Cadu, o seguinte comentário; "*LOUCURA E MORTE - Carlos Eduardo Sundfeld Nunes, assassino confesso do cartunista Glauco e de seu filho Raoni: alucinações levaram ao crime.*". Dessa forma, a revista identifica claramente as "mirações" provocadas pelo daime como a causa primeira do assassinato.

Nessa reportagem, o discurso usado deixa evidente a posição ideológica da revista, contrária a qualquer tolerância com o uso da ayahuasca, ainda que inserido no *setting* religioso:

"No Brasil, em 1992, graças a uma campanha liberada por "ayahuasqueiros", o Conselho Federal de Entorpecentes liberou o consumo do chá daimista "para fins religiosos". Foi o primeiro de uma sucessão de erros que culminou com a consagração do chá como "bebida sagrada", título concebido à substância

alucinógena pelo estado brasileiro em janeiro passado.” Revista Veja, edição 2157, ano 43, nº 12, 24 de março de 2010.

Nas páginas 70 e 71 a revista traça uma árvore genealógica do daime, afirmando que *“o chá da ayahuasca é usado por grupos que se dizem cristãos, espíritas, umbandistas e até por quem só quer passar uma noite tendo alucinações que ‘abririam as portas da consciência cósmica e do autoconhecimento’.”*

No final da reportagem, após relatar e descrever o assassinato de Glauco e seu filho e falar dos rituais da “seita” do Santo Daime, a revista percorre o mesmo caminho percorrido pelas outras duas, questionando se a tolerância com a ayahuasca não estaria abrindo a brecha para a legalização de outras “drogas” (encarada por esses veículos impressos sempre como sinônimo de desregramento social):

“Na semana passada, uma entidade da Bahia chamada Associação Brasileira de Estudos Sociais do Uso de Psicoativos entrou com uma petição no Supremo Tribunal Federal pedindo a liberação da maconha “para uso terapêutico e religioso”. Caso a petição seja aceita, são grandes as chances de outras drogas entrarem para o rol de “sagradas”. Tolerância em excesso, combinada com negligência na mesma medida e uma boa dose de vulnerabilidade física ou emocional das partes envolvidas: eis uma boa receita para construir uma tragédia”. Revista Veja, edição 2157, ano 43, nº 12, 24 de março de 2010, p. 73

3. Considerações finais

Analisando as reportagens de capa das revistas Época, Isto É e Veja relacionadas à ayahuasca e ao Santo Daime, percebe-se que, embora haja diferenças pontuais entre as publicações, todas se ancoram sob as mesmas perspectivas, os mesmos estereótipos, os mesmos preconceitos. Suas reportagens mostram dados aleatórios, fazem afirmações peremptórias desprovidas de comprovação científica e estigmatizam as minorias religiosas que fazem uso da ayahuasca, demonizando esta bebida sem nenhuma discussão com os membros desses grupos.

Esse procedimento em comum, que simplesmente ignora as ciências humanas e a tradição antropológica de estudos sobre a ayahuasca (como as já clássicas obras de Labate (2004) e Edward MacRae (1992)), é ancorado não em análises criteriosas, mas em certa “consciência coletiva” (Durkheim, 1989) que toma como dado que as substâncias psicoativas são entes malignos, que seita é sinônimo de desregramento moral e periculosidade e que as religiões minoritárias devem ser vistas com desconfiança.

Recuperando Foucault (1996), os discursos são práticas organizadoras da realidade, de forma que o foco não estaria no significado das palavras, e sim no papel do discurso nas práticas sociais, como na organização das relações entre indivíduos, instituições e organizações sociais mais amplas. A mídia não é simplesmente um

veículo neutro de informações à disposição de diferentes emissores, mas é ela mesma um quadro de referência principal, que antecede e orienta a percepção e apreciação dos eventos propriamente ditos.

As explicações sobre o mundo “político, social, econômico” que poderiam ser construídas - a partir da dimensão factual ou episódica dos eventos vivenciados ou informados - fazem com que o sujeito se oriente pela exemplaridade de determinada história, que passa a fazer parte do seu repertório recorrente, a fim de que ele o use para ilustrar “casos” variados. Esse foi o caso dos enquadramentos negativos que as três revistas fizeram sobre a religião Santo Daime, criando precedentes para que a sociedade associasse o uso da bebida a problemas psicológicos e uso abusivo de drogas, que no limite levariam à morte.

As abordagens da mídia impressa nacional, representada por essas três revistas, sobre a legalização da ayahuasca para fins religiosos e o “caso Glauco” são um excelente estudo de caso, no termos de Howard Becker (2008) dos processos de criação de regras e de empreendimentos morais, e a postura proibicionista adotada por estes veículos ilustram muito bem os dois modos de ação disponíveis aos empreendedores morais, a saber, arregimentar o apoio de outras organizações interessadas e desenvolver, com o uso da imprensa e de outros meios de comunicação, uma atitude pública favorável em relação à regra proposta; neste caso, a completa proibição do uso da bebida, na contramão dos estudos acadêmicos e de um amplo diálogo jurídico e político.

Referências:

BARDIN, Laurence (2008). **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70.

BECKER, Howard. **Outsiders: Estudo da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRETON, Philippe (2002). **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola.

DURKHEIM, Émile (1989). **A divisão do trabalho social**. Lisboa: Editorial Presença Ltda.

FOUCAULT, M (1996). **A ordem do Discurso**. São Paulo, Edições Loyola.

GOMES, Mayra Rodrigues (2003). **Poder no Jornalismo**. São Paulo, Edusp & Hacker editores.

GONÇALVES, Telmo (2005). **Os temas de Guerra. Estudo explanatório sobre o enquadramento temático da guerra do Vietnã na televisão**. ACTAS DO III

SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Volume IV, 2005. Disponível em
<<http://www.bocc.uff.br/pag/goncalves-telmo-temas-da-guerra.pdf>> Acessado em
15/03/2011

LABATE, Beatriz. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. São Paulo: FAPESP/ Mercado das Letras, 2004.

LABATE, Beatriz (2010). **Cobertura com muitos equívocos**. Observatório da imprensa. Ano 15, Edição 583. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/cobertura-com-muitos-equivocos>

MACRAE, Edward. **Guiado pela lua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

MCCOMBS, Maxwell (2009). **A teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis, Editora Vozes.